

Um começo

Imagens de satélite levam os técnicos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais a estimar que houve no ano passado uma significativa redução do ritmo de desmatamento na Amazônia. A área devastada diminuiu 13,4%.

Mas os números absolutos não servem de base para qualquer expressão de otimismo. De 17.260 quilômetros quadrados em 1999, o desmatamento passou a 18.226 em 2000 e, pela estimativa do Inpe, a cerca de 15.780 em 2001. É um crescimento contínuo, que já levou a área desmatada acumulada a atingir aproximadamente 600 mil quilômetros quadrados — o equivalente à ilha de Madagascar, ou ao dobro do

território da Itália. Desmatamento, diga-se de passagem, em grande parte antieconômico: basta observar que cerca de 160 mil quilômetros quadrados dessa área foram abandonados.

Com todas as devidas ressalvas, o ritmo menor de destruição é uma boa notícia. O ministro do Meio Ambiente, José Carlos Carvalho, o atribui à fiscalização mais rigorosa e ao aumento das multas por crimes ambientais,

mas outros fatores podem ter influído — inclusive, o que tem seu lado irônico, a perda de força da atividade econômica geral.

O motivo principal é incerto; nem será conhecido com segurança, assim como não se terá condições de afirmar onde o processo pode continuar, com vistas à ampliação da atividade agropecuária, e onde ele deve ser inter-

rumpido, antes que se disponha do zoneamento econômico-ecológico reivindicado pelo ministro do Meio Ambiente. Os países ricos que compõem o G-7, habitualmente tão veementes na defesa das causas ambientais — salvo, naturalmente, quando elas ameaçam lhes cobrar um alto preço, como acontece com a indústria ameri-

cana no caso do Protocolo de Kyoto — poderiam fazer uma contribuição significativa ajudando a financiar esse levantamento.

Ainda está muito distante o dia em que teremos, se não o fim do desmatamento da Amazônia, pelo menos condições de prever esse feliz desfecho. Por ora, só se pode celebrar a queda na velocidade com que o processo vai se agravando. É pouco, certamente, mas é um começo.

O menor ritmo
de devastação
da Amazônia é
uma modesta
boa notícia
